


DOI: 10.22476/revcted.v6i2.475

ISSN: 2447-4223

## DE COMO SER PROFESSORA DE EDUCAÇÃO INFANTIL REMOTAMENTE

**Andréia Regina de Oliveira Camargo<sup>1</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0002-1158-2814>

UNIFESP, Núcleo de Educação Infantil – NEI Paulistinha, Votorantim, SP, Brasil

<b>Submetido em:</b> 02/11/2020	<b>Aceito em:</b> 20/12/202	<b>Publicado em:</b> 31/12/2021
---------------------------------	-----------------------------	---------------------------------

### Resumo

A presente carta pedagógica busca compartilhar minhas experiências, questionamentos, saberes e fazeres na educação infantil, em meio a pandemia da Covid-19. Tais reflexões busca insurgir aos desdobramentos da pandemia viral e governamental na prática educativa e na vida de docentes, bebês e crianças da escola da infância, inspirada e mobilizada pelo legado de Paulo Freire. É um convite ao não determinismo, ao reconhecimento de nosso inacabamento e condicionamento, mas sobretudo é um movimento de esperar um mundo mais justo e humano.

**Palavras-chave:** Docência; Educação Infantil; Esperançar.

## HOW TO BE A CHILD EDUCATION TEACHER REMOTELY

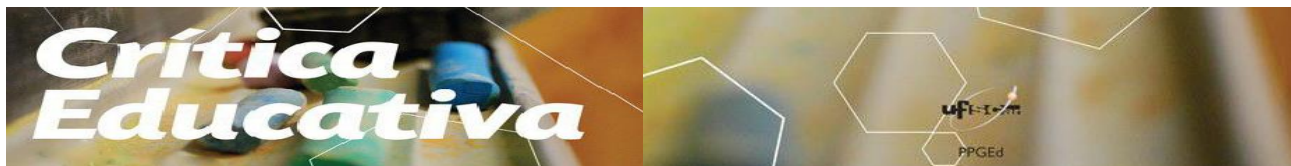
### Abstract

The presente teaching letter seeks to share my experiences, doubts, knowledge and actions in early childhood education, in the midst of the Covid-19 pandemic. Such reflections seek to insurg for the consequences of the viral and governmental pandemic on educational practice and the lives of teachers, babies and children in early childhood education, inspired and mobilized by Paulo Freire's legacy. It is an invitation to non-determinism, to the recognition of our unfinishening and conditioning, but above all it is a movement of hope for a more just and human world.

**Keywords:** Teaching; Child education; Hope.

---

<sup>1</sup>Doutora em educação pela UNESP/Rio Claro; Professora de educação básica, técnica e tecnológica (EBBT); Núcleo de Educação Infantil – NEI Paulistinha; Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). E-mail: [acamargo13@unifesp.br](mailto:acamargo13@unifesp.br).



## CÓMO SER PROFESOR DE EDUCACIÓN INFANTIL DE FORMA REMOTA

### Resumen

Esta carta pedagógica busca compartir mis experiencias, preguntas, conocimientos y acciones en la educación infantil, en medio de la pandemia Covid-19. Tales reflexiones buscan insurgir frente a las consecuencias de la pandemia viral y gubernamental en la práctica educativa y en la vida de maestros, bebés y niños del jardín de infancia, inspirados y movilizados por el legado de Paulo Freire. Es una invitación al no determinismo, al reconocimiento de nuestra incompletud y condicionamiento, pero sobre todo es un movimiento de esperanza por un mundo más justo y humano.

**Palabras clave:** Enseñando; Educación Infantil; Esperanza.

Votorantim, 28 de outubro de 2020

Aos docentes da Educação Infantil

*Estas cartas pedagógicas expressam mais um momento da luta em que me empenho como educador, portanto, como político também, com raiva, com amor, com esperança, em favor do sonho de um Brasil mais justo.*<sup>2</sup>

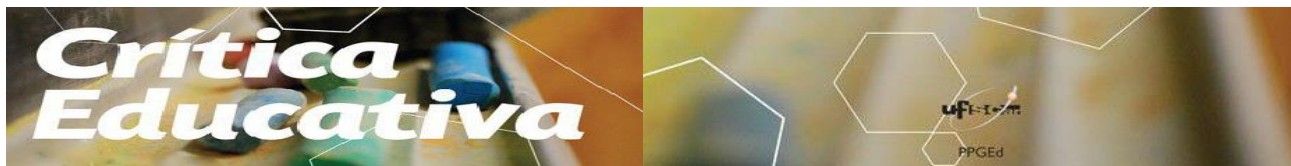
Inspirada e mobilizada pelo legado de Paulo Freire, venho por meio desta carta expressar meu posicionamento político, como docente da educação infantil pública, frente a crise viral e governamental que assola nosso país, assim como seus desdobramentos na escola da infância e na vida de docentes, bebês e crianças.

A escrita deixa marcas, registrando minhas ideias, questionamentos, dúvidas, sonhos, desejos... “[...] organiza e articula o pensamento na busca de conhecer o outro, a si, o mundo”<sup>3</sup>. Escrever é difícil, dói, mas também me coloca em movimento de resistência, de reflexão e sobretudo de trans-formação.

---

<sup>2</sup>FREIRE, 2000, p.49.

<sup>3</sup> WELFORTH, 1996, p.22.



Ao escrever esta carta agora, com raiva, o Brasil totaliza assustadoramente 158.480 óbitos e 5.469.755 diagnósticos de Covid-19, segundo levantamento do consórcio de veículos de imprensa<sup>4</sup>. Mais assustador e absurdo ainda, é que tive que buscar tais informações na imprensa, pois não podemos mais confiar nos sites oficiais do governo, em especial do Ministério da Saúde, tendo em vista que desde o início da pandemia no país, o governo federal se coloca numa posição negacionista frente ao vírus, sem contar a “dança das cadeiras” na ocupação do referido ministério, que já teve três ministros em apenas sete meses, sendo que o atual, Eduardo Pazuello, é general do Exército Brasileiro, e uma das suas primeiras ações foi omitir os dados da pandemia no país.

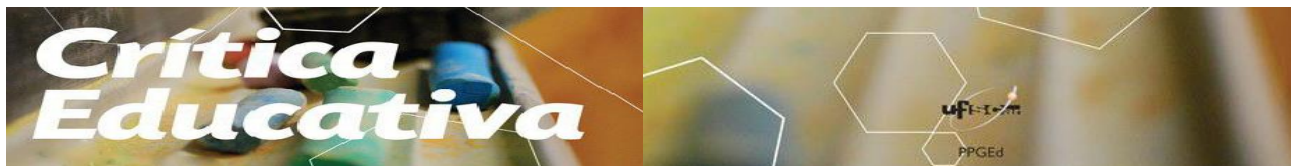
A pandemia descortinou as mazelas sociais que há tempos afligem o Brasil: miséria, fome, racismo, machismo, desigualdade social, desemprego, necropolítica... escancarando as consequências brutais do capitalismo e do neoliberalismo.

É preciso estarmos atentos sobre o nosso papel como docentes nesse contexto, refletir cotidianamente sobre a nossa responsabilidade na luta pela democracia e pela vida de nossos bebês e crianças.

Há algo que tem me incomodado sobremaneira em meio a pandemia, de como ser professora de Educação Infantil remotamente, em meio a uma pandemia. Sou professora de Educação Infantil no NEI Paulistinha, na Universidade Federal de São Paulo, há mais de quatro anos e desde março de 2020 estou trabalhando remotamente. Inicialmente buscamos refletir sobre nossa prática educativa, rememorando as experiências vividas com as crianças, assim como nossos princípios enquanto escola da primeira infância. O tempo foi se estendendo, assim como o isolamento e a possibilidade do retorno presencial. Novas demandas emergiram e os encontros remotos com as crianças foram inevitáveis. Sempre acreditei na importância de manter o vínculo com as crianças e famílias, acreditando na necessidade de ouvi-los e ouvi-las, de compartilhar e acolher suas angústias, necessidades, medos, modos de vida... de esperar juntos e juntas uma educação mais solidária e humanizadora. Mas no caminho de incertezas, os encontros viraram aulas e a manutenção de vínculos se transformou em manutenção de conteúdos. Não me lembro em que momento exato me enfraqueci e embarquei nas forças condicionantes da instituição escolar, que

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/10/28/casos-e-mortes-por-coronavirus-no-brasil-em-28-de-outubro-segundo-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml> Acessado em: 28 de outubro de 2020.



mesmo remotamente reproduz a lógica do capital, na tentativa de homogeneizar saberes e seres humanos, aguçando a desigualdade e reforçando a desumanidade.

Por que as vezes fazemos o que não acreditamos? Medo? Necessidade? Relações de poder?

Cotidianamente lutamos pelas crianças em diferentes espaços e de diversas formas, mas muitas vezes nos vemos fragilizadas e até mesmo sem forças para dizer NÃO! NÃO à educação a distância para nossos bebês e crianças! NÃO à manutenção da desigualdade! NÃO à necropolítica! NÃO a desumanização da educação! NÃO, NÃO, NÃO!!!

Mesmo consciente do meu inacabamento e reconhecendo o quão sou condicionada e afetada pelas estruturas dominantes, também sei o quanto sou capaz de intervir na realidade e de não acreditar num futuro fatalista. “O futuro não nos faz. Nós é que nos refazemos na luta por fazê-lo”<sup>5</sup>.

O que quero dizer, é que não podemos acreditar no determinismo, tampouco aceitar uma democracia alicerçada na ‘ética do mercado’, que coloca o dinheiro acima das vidas. Quero afirmar, com esperança e amor, a importância e a força de esperar, de sonhar, agir e buscar com os outros, formas outras de estar e agir no e com o mundo.

Nossos bebês e crianças precisam de nós para terem seus direitos garantidos, e em meio a uma pandemia o direito à vida é primordial. Vida que precisa ser alimentada, acolhida, protegida, acompanhada e amada. Professoras e professores, precisamos resgatar “[...] a nossa responsabilidade ética no exercício de nossa tarefa docente”<sup>6</sup>, ser mais do que um ser no mundo, tornar-se presença no e com o mundo e com os outros, como nos ensina Paulo Freire, reconhecendo que a história é tempo de possibilidades e que resistir, intervir, sonhar e transformar é preciso.

As incertezas, o medo, os questionamentos, as angústias ainda me acompanham nesses tempos pandêmicos. Tempo que se desdobra em muitos tempos, meus e de outros. Sei que minha presença no mundo não é neutra, assim como minha prática educativa, implicando escolhas e decisões, dentre elas a de me assumir como ser transformador. “É porque podemos transformar o mundo, que estamos com ele e com outros”<sup>7</sup>.

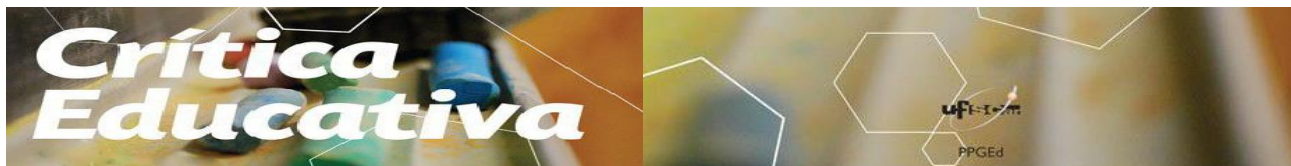
É neste sentido, de estar com os outros, que necessito dos espaços e das companheiras e companheiros de luta e docência para resistir aos tempos pandêmicos, que nos desestabilizam

---

<sup>5</sup>FREIRE, 2000, p.56.

<sup>6</sup> FREIRE, 1996, p.16.

<sup>7</sup> Ibidem, p.33.



constantemente: “O que esperar da humanidade esvaída? Como suportar as vidas perdidas?... Como não ser isca no anzol do capitalismo desenfreante? Como abolir a necropolítica dominante?”. No coletivo nos fortalecemos e testemunhamos nosso compromisso na construção de um mundo melhor, mais justo, democrático e humano, “...mundo que nos coloca, a todo tempo em movimentos, e nos convida constantemente, a pensar os possíveis (re)começos...”<sup>8</sup>.

Abraços esperançosos!

## 1. Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

CAMARGO, Andréia Regina de Oliveira. À deriva, sem sair do lugar. In: SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho; CIDADE, Camilla de Almeida Santos; CARDOSO, Vanessa Clemente (org.). *Maternidades Plurais: os diferentes relatos, aventuras e oceanos das mães cientistas na pandemia*. Belfort Roxo: Editora Bindi, 2020.

WELFORT, Madalena Freire. O Registro e a reflexão do educador. In: FREIRE, Madalena; CAMARGO, Fátima; DAVINI, Juliana; MARTINS, Mirian Celeste. *Observação, registro, reflexão: instrumentos metodológicos I*. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

---

<sup>8</sup> CAMARGO, 2020, pp.137-138.